

teatro III
fronteira
fechada

OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL

publicações
europa-
américa



OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL

- 1 *Fanga*
- 2 *Teatro III (Fronteira Fechada, 3 actos)*

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

Romances

- *Gaibéus • Marés • Avieiros • Os Reineiros* (a editar)
- *Anúncio • Porto Manso • Olhos de Água*
- *A Barca dos Sete Lemes • Uma Fenda na Muralha*
- *O Cavalo Espantado • Barranco de Cegos • O Muro Branco*
- *Sinfonia para Uma Corda* (a editar) • *Ciclo port-wine: Horizonte Cerrado*
- *Os Homens e as Sombras • Vindima de Sangue*

Contos

- *Nasci com Passaporte de Turista • Espólio*
- *O Comboio das Seis* (em *Contos e Novelas*) • *Noite Esquecida*
- *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos • Histórias Afluentes*

Literatura infantil

- *A Vida Mágica da Sementinha • A Flor Vai Ver o Mar*
- *A Flor Vai Pescar Num Bote • Uma Flor Chamada Maria*
- *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas*

Teatro

- *Teatro I (Maria Emília, 1 acto; Forja, 3 actos)*
- *Teatro II (O Destino Morreu de repente)*

Estudos

- *Glória — Uma Aldeia do Ribatejo • Ribatejo* (em *Portugal Maravilhoso*)
- *A França — Da Resistência à Renascença • Cancioneiro do Ribatejo*
- *Romanceiro Geral do Povo Português*

Conferência

- *Le roman du Tage* (edição da Union Française Universitaire — Paris)

821.737.3
RED,A

teatro III

fronteira
fechada

fronteira
fechada

OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL



DURANTE algum tempo, talvez duas horas, vamo-nos aproximar de uma fronteira qualquer. Criaremos juntos (texto, encenador, actores e público) o clima possível para a realidade teatral deste conflito inventado sob a carne viva de um drama quotidiano. A invenção é uma das formas do real.

Ficaremos perto, ou dentro também, de um entroncamento de almas e de destinos, sem outro gosto que não seja o de penetrarmos um pouco mais nas camadas subjacentes de nós próprios. Vivendo uma situação concreta, construímos primeiro e desvendamos depois certos mistérios da nossa humana condição, mistérios que permanecem enquanto receamos clarificá-los, talvez com medo de nos conhecermos.

Forjemos então uma dessas situações em que o homem (cada um de nós, portanto) se despenha no fundo do abismo donde saiu pouco a pouco, durante séculos, e para onde regressa muitas vezes, num só golpe, como se a raiz o puxasse para a origem, querendo vê-lo recomençar a experiência doutra aventura. São típicos dessas vicissitudes as angústias individuais ou os desvarios colectivos, o desespero que conduz do medo ao pânico, a carreira alucinante das obsessões, ou ainda, entre tantas outras, a ansiedade indomada pela sobrevivência. (Neste último figurino, tanto se pode vestir a capa torpe da avareza ou da cobardia, como o manto iluminado da heroicidade.)

Caminhemos, pois, para a fronteira onde iremos viver. Saibamos antes que, para além dela, homens e mulheres simples semearam com a imaginação a fuga apetecida para a morte civil a que se haviam rendido. Nela se tocam países e se cruzam destinos, alguns tão absurdos como a própria fronteira. Os homens tecem os destinos e as fronteiras, mas muitos ainda ignoram o que há deles no chão que pisam e suam. Durante longos anos quase abençoaram a fome, negociando com ela a miragem fofa do eterno. Pareciam pedras mortas ou lagartos de loiça ao sol, como escrevi algures. Um dia, porém, num dia que se não prevê, o alarme chega-lhes na voz anónima do vento de um boato ou na caligrafia lavrada de uma carta: «EM TAL SÍTIO HÁ DINHEIRO E TRABALHO PARA TODOS!» Abre-se a torrente. E no sulco da sua violência redemoinham o amor, o ódio,

as fúrias animais e os sequestros consentidos. Brotam no coração dos audazes que matam a resignação e assanham-se na dança de S. Vito dos malandros, dos cobardes e dos pobres-diabos.

À bruteza bisonha sucede o delírio. Hipoteca-se a alma e o corpo. Gente que se assustava com a sombra do próprio pensamento, e não arriscaria um olhar para ascender à dignidade, atira com a vida, de sopetão, para as escarpas da aventura e da morte. A avariza dos engajadores enrola-se no corpo da violência e empapa-se nela como bichos que se banhassem no próprio sangue.

Vítimas e tiranos refocilam na mesma demência.

Quase todos os homens simples, estremes, goivados na madeira seca de um passado cediço que antes prolongaram, e outros agradeciam, atolam-se no instinto contrafeito pelo vago poalho da inteligência e escancaram-se ao atropelo dos sentimentos crus.

Nascem na mesma raiz, porém, sonhos de infante que vogam no baloiço de trapézios erguidos com cordas de enforcados ou poesia em promessa. Tanto lhes faz. O sonho basta.

Os cavalos do sonho, fantasiemo-los verdes com crinas de cristal e ferraduras de ansiedades amargas, galopam com eles para o encontro apazado. Com quem o encontro?!...

Na bruma da aventura fremem todos os caminhos. Os homens só agora sabem do que fogem.

Carne cega para construir e devastar mundos, com ela se dignificam ou assassina pátrias. Com ela se implantam também milagres lúcidos ou barbárias dementadas.

Emigrantes já eles eram antes do delírio. Quase todos haviam emigrado de dentro de si para a mão firme dos que os atrelavam ao arado da servidão. Que vamos encontrar neste pequeno museu da alma humana?

No silêncio da sala, quando todas as luzes se apagaram, os faróis de um automóvel varrem o pano de boca em todos os sentidos. Parecem até ajudá-lo a subir.

A cortina mostra-se. Negra como a noite e o tempo vivido pelas personagens.

Um ruído de automóvel a grande velocidade e os ganidos das derrapagens acompanham o frenesi dos dois focos ansiosos, que se assemelham a olhos vazios em busca de uma ilha de paz. Depois um disparo e outro, logo seguido de uma rajada frenética. Os pneus rangem, uivam, embaraçam-se com vozes humanas; quando todos os ruídos atingem o tecto da violência, um estrondo maior junta na mesma mão todos os sons e ecos da noite e do tempo.

Os jaróis, talvez feridos, quedam-se a um lado da cortina; somem-se lentamente com soluços de mulher. E logo um silêncio opressivo. Opressivo e espesso. Nele explodem depois estilhaços de frases secas:

— Esta gente nunca mais acaba!

— Ces gens ne finissent plus!

— (A mesma frase em alemão)

— (A mesma frase em italiano)

— (A mesma frase em espanhol)

— Esta gente nunca mais acaba!

Afastam-se passos de botas duras.

Os soluços da mulher regressam e parecem ser jogados entre os pés dos guardas fronteiriços.

Quase inerte, na lentidão da noite assustada, a cortina abre-se. E com ela o silêncio golpeia-se em chicotadas de vento. O vento tange o órgão que a montanha lhe entrega.

A noite continua na cena aberta. Assemelha-se a um poço. Quando qualquer luz se entornar para dentro deste poço onde as personagens vão viver, veremos um casebre de duas divisões, pobre e sujo, engravado nas faldas de uma serra agreste, um tanto irreal na penumbra da primeira cena. Entre o casebre e a ribalta, a montanha continua. Por aí passa um caminho-de-pé-posto inventado por quem vive no ermo e que se prolonga por cima da casa, em direcção à fronteira. Estamos perto da fronteira inventada. Antes, porém, que a luz chegue, entremos dentro do poço. Na divisão principal, por onde se penetra no fojo, há uma grande lareira ao fundo,

quase irreal, espécie de bocaça de animal gigante e estranho. Adivinha-se que a acendem com frequência, pois as paredes da casa ficaram negras. Dois bancos longos e baixos meditarão na fogueira acesa; outros, individuais, talvez tripeças, farão roda à única mesa desse compartimento.

A outra divisão, mais pequena, serve de quarto ao Velho e ao Filho, ou a quem chega quando este se ausenta. Um quarto de choldra com grande tarimba. Na parede do fundo, a moldura de um espelho que desapareceu. Pouco mais. O vento toca o órgão da montanha, como já sugerimos. Por instantes brinca, depois enfurece-se, parece abalar para longe e logo regressa.

Como suspensas no espaço, tocando a cabeça na parte superior da cena e projectando-se na claridade azul de um fundo transparente, surgem sombras. Primeiro a de um homem, o Guia, que se queda um pouco, mal o adivinhamos, e depois move um dos braços em gesto de chamada para fora.

Seco e pernalta, é um vime. Um vime levemente dobrado, como se cheirasse a terra que pisa e o recolherá um dia. Terá a idade do Velho, mas os anos gastaram-no mais. Anda sempre em namoro feliz com o vinho. Ao gesto do seu braço, uma a uma, definem-se três sombras de mulher, numa cadeia de mãos dadas. Sente-se fadiga na sua marcha arrastada e lenta. O Guia deixa-as passar, repete o gesto com o braço e acaba por voltar atrás.

Continua a música do vento. Agreste. Enlaça-se-lhe a melodia de uma gaita-de-beiços.

Quase enroladas uma na outra, surgem depois mais dois vultos de mulher. Aí temos as cinco mulheres que vamos conhecer mais de perto:

A Velha, que tanto pode ser alta como baixa, mulher do povo, escanifrada e resoluta, ampara outra mais jovem, a Noiva, bonita e assustada, camponesa como ela;

À mais desenvolta, que nada parece temer naquela aventura, chamemos-lhe Prostituta (ainda o não é, talvez nunca chegue à profissão — a vida o dirá —, mas gosta de aparentar. Vejamos nela uma dessas raparigas de hoje que alardeia à-vontade para esconder certa timidez

e fica inequívoca nos modos, no andar requebrado das ancas e na voz rasca e grave. Fita os homens bem nos olhos, depois arrepende-se, já tarde. A boca grossa, exageradamente grossa, arvora um cartaz de sensualidade; os homens bolem-lhe, ela estremece e muitas vezes não cede. Mas gosta de ver os homens tocados pelo seu desafio. Traz, como as outras, a sua mala, a que acrescenta um transístor para ouvir música. Não vive sem música trepidante);

Outra das mulheres é a Feia (rosto feio num corpo de esplendor maduro. Quase quarenta anos. Arrebatada pela viagem que a leva para o marido, amargura-a a lembrança dos filhos que deixou na cidade. Adivinha-se nela a mulher de cidade provinciana, Modista, talvez. Um pouco arrogante para as outras, adoça-se perante o Guia e o Velho, de quem depende. Mentalidade esponjosa da pequena burguesia; que é gesso aderente a qualquer forma. Despiu quantos preconceitos aprendeu e cultivou a vida inteira, certamente para envergá-los com maior rigor logo que chegue ao destino. Agora aproveita o que a aventura lhe dá, porque sempre a desejou);

A que conheceremos por Mulher andarà pelos trinta anos (pensemo-la com olhos verdes, cabelos muito negros e tez morena do sol marítimo. Oculta a beleza com desleixo estudado para a viagem. Vem suja, despen-teada; caminha sem graça, talvez da fadiga ou de propósito que oculta. Fala pouco e fuma muito. Adivinham-se-lhe as reacções pela maneira como move o cigarro nos dedos para a boca e como o fuma. Pela classe a que pertence, não se percebe muito bem por que motivo não atravessa qualquer fronteira com passaporte de turista; só ela o saberá. Teremos tempo de compreendê-la melhor com o decorrer da peça, embora haja o risco de não se descobrir exactamente o mistério que a habita. Parece contraditória. Sê-lo-á como toda a gente, mas durante as próximas duas horas contrafaz-se em demasia).